

INSTITUTO DE PÓS-GRADUAÇÃO HANNS KELSEM

## O CONTO FANTÁSTICO COMO MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA LEITURA

RÉGIA MARIA DA SILVA NUNES<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo representa uma possibilidade de pensar e olhar o processo de leitura e produção escrita de uma maneira diferenciada. Como tempo e espaço dinâmico para proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa e integral. Objetiva salientar a importância da motivação no ato de leitura e na prática de ensinar a refletir, a partir do uso da oralidade para aprender a expor ideias em produções escritas. Desenvolvido dentro desse processo, a justificativa deste estudo está centrada na necessidade de mostrar que, a oralidade, juntamente com dimensão afetiva da leitura ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção de sentidos quanto na aquisição de habilidade para se expressar de forma escrita. A metodologia caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica descritiva em que os alunos irão contar histórias fantásticas e posteriormente partir para a atividade escrita. A construção de sentido desencadeia uma relação entre o imaginário e o mundo real por meio da interação comunicativa obtida através da relação dos indivíduos envolvidos na comunicação oral ou escrita. Nesse sentido, é indispensável entender que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que é possível identificar e prever condições afetivas em histórias narrativas que facilitem a aprendizagem.

**Palavras-chave:** Oralidade. Escrita. Conto fantástico. Motivação.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Professor de Ensino Fundamental na Rede Municipal de Senador Canedo-Go.  
Artigo apresentado como apresentação parcial das pesquisas realizadas na Escola Municipal Alexandre Pereira Lima em Senador Canedo.

A produção escrita, tema proposto neste estudo, com ênfase sobre o uso da oralidade por meio de contos fantásticos como influência da afetividade e motivação no processo ensino-aprendizagem, objetiva mostrar que o ato pedagógico se fundamenta pelas intervenções que o professor realiza e pelas condições que cria para que ocorram aprendizagens significativas.

O professor que atua nesse âmbito deve buscar constantemente estratégias de intervenção pedagógica para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos discentes que se encontram no ensino fundamental bem como em anos posteriores.

Para tanto, é necessário que os professores estejam preparados para atuar. O desafio imposto consiste em aceitar que é a partir das dificuldades que se aprende a ser professor, ou seja, desempenhar com competência a profissão que escolheu.

É na relação professor/aluno que se realiza, de fato, o processo ensino-aprendizagem e o sucesso ou insucesso do trabalho pedagógico se deve, em grande parte, na qualidade dessa relação.

A construção do conhecimento deve se dar com a mediação do educador e a participação do aluno, partindo da sua realidade e trabalhando com temas significativos para conhecer e entender o meio em que vive, buscando a aprendizagem de fatos, conceitos e procedimentos de forma contextualizada.

Durante nossa observação em sala de aula, foi possível constatar que é agradável aos discentes na fase da adolescência, ouvir e contar histórias narrativas de cunho fantástico, por mexer com a imaginação dos envolvidos.

Nesse sentido, o presente estudo visa auxiliar as aulas de Língua Portuguesa, tendo em vista que, em muitas escolas ainda se utiliza de memorizações completamente fora do contexto dando ênfase à gramática normativa. Para tanto, será necessário entender a Língua como um instrumento para manifestação cultural e social. Desta feita, busca-se um trabalho que priorize o processo dinâmico entre a fala e escrita utilizando-se do

gênero conto fantástico a fim de que haja um processo de ressignificação para uma melhor competência discursiva.

Justifica-se a escolha do tema e elaboração deste artigo por reconhecer a importância do uso da oralidade, afetividade e da motivação no contexto da educação institucional, também para ampliar o conhecimento e proporcionar a outros educadores a leitura do tema de forma sintética e clara.

### **ASPECTOS QUE DIFICULTAM A APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA E POSSÍVEIS SOLUÇÕES**

É notório que a rede regular de ensino muito se preocupa e se prende aos aspectos linguísticos da língua. As aulas de Língua Portuguesa se apresentam presas a estruturas rígidas do sistema da Língua. São utilizados textos totalmente fora do contexto de uso e levados para que os alunos analisem seguindo as regras estabelecidas pela gramática normativa. Essa prática de ensino se configura em técnicas repetitivas de análises gramaticas, sem se preocupar com a significação expressa ao longo do texto. Isso leva o indivíduo a uma dificuldade constante, tendo em vista que não há uma análise reflexiva que envolva a função social de uso dos textos apresentados.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende seguir a linha qualitativa para uma pesquisa em que leve o professor / pesquisador a interagir de forma efetiva na construção do conhecimento no momento de sua prática pedagógica para mediar em sala de aula a evolução da construção do conhecimento. Será uma busca investigativa que visa um processo de ressignificação por meio de uma intervenção pedagógica que vise os operadores discursivos para viabilizar um direcionamento nas aulas de Língua Portuguesa, apresentando as principais funções do Conto Fantástico na modalidade oral e escrito para que se possa despertar o interesse do aluno para produção escrita, partindo inicialmente da oralidade, tendo em vista que, ao observar os alunos em aulas de Língua Portuguesa demonstraram afinidade com o gênero em estudo.

A oralidade se mostra um campo riquíssimo para buscas investigativas no campo da história. Abre possibilidades para ampliar pesquisas para melhor

compreender e explicar o objeto a ser estudado. Trata-se de um instrumento que na área das ciências humanas, segundo Meihy apresenta versões e visões que devem ser tidas como um “ legado de domínio público” (2005, 24). Quando se observa as visões e versões que dão voz aos que possuem algo a relatar. Trata-se de uma metodologia multidisciplinar abarcando áreas denominadas como dispareas. Seu uso vem de encontro a questões que estejam relacionadas a abordagens tradicionais onde havia a valorização do escrito e da objetividade.

Essa prática pedagógica visa além de levar uma possibilidade de ampliar o conhecimento dos envolvidos no estudo, para uma melhoria na competência discursiva, bem como a um envolvimento maior entre professor e aluno.

O lócus escolhido para investigação serão turmas do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do município de Senador Canedo em que, primeiramente irão ouvir a narrativa do conto *Venha ver o pôr do sol* de Lygia Fagundes Telles pela professora/pesquisadora. Em seguida, apresentar-se-á aos alunos um tempo para que busquem ouvir histórias narrativas de cunho fantástico contadas por pessoas da comunidade local para uma posterior retextualização por parte dos alunos.

Esse trabalho mostra a importância de se guardar viva na memória a cultura local, além de apresentar práticas didáticas que viabilizem uma melhoria na atividade de produção textual, melhorando a aprendizagem por meio da motivação despertada nos discentes através dessa ação pedagógica.

Essa pesquisa se pauta sobre a luz dos principais teóricos ligados a essa temática de estudo como Marcuschi (1993 à 2010), como sua relação entre oralidade e escrita; Antunes (2003, 2014); Alves Filho ( 2011); Bakhtin (1992, 2011) a fim de entender e analisar memórias retextualizadas para complementação na interação entre oralidade e escrita para uma ressignificação textual. Para tanto a modalidade deste estudo seguiu as fundamentações da pesquisa – ação em que será envolvido, professor – pesquisador, aluno e comunidade.

## MOTIVAÇÃO

A motivação continua sendo um complexo tema para a Psicologia e particularmente para as teorias de aprendizagem e ensino. Atribui-se à motivação tanto a facilidade quanto à dificuldade de aprender. Atribui-se as condições motivadoras o sucesso ou o fracasso dos professores ao tentar ensinar algo a seus alunos. E, apesar de dificilmente detectarmos o motivo que subjaz a algum tipo de comportamento, sabemos que sempre há algum (BOCK; FUTADO; TEIXEIRA, 1997).

Segundo os autores acima citados, o estudo da motivação considera três tipos de variáveis: o ambiente; as forças internas ao indivíduo como: necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso e instintos; e o objeto que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza.

A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também incluindo o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluindo o objeto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.

Para ensinar não basta ter conhecimento de uma série de metodologias de ensino, optando por esta ou aquela, é preciso compreender o próprio aluno: as características de sua personalidade, a etapa de desenvolvimento motor, emocional, cognitivo e social, na qual ele se encontra bem como a maneira como aprende. Neste último caso, se quisermos entender as ações individuais ou coletivas de nossos alunos dentro do processo de aprendizagem, é de suma importância que nos lembremos do princípio psicológico, segundo o qual nenhum comportamento existe sem uma causa motivadora que o determine (AZZI E SADALLA, 2002).

Nessa perspectiva, convém ressaltar que a motivação é um componente da dimensão afetiva, que se defini como um conjunto de desejos

ou de vontade que leva uma pessoa a cumprir uma tarefa ou a vislumbrar um objetivo que corresponda a uma necessidade.

Para Cramer e Castle, “O papel dos professores de desenvolver e manter atitudes positivas, bem como mudar as atitudes negativas de seus alunos com relação à alfabetização, é crucial nas escolas de hoje” (2001, p.221).

Segundo Abreu (2001) a atuação do professor que busca apoiar afetivamente seus alunos exige uma atitude de acolhimento, tanto nos aspectos estritamente didáticos quanto nos de relação interpessoal. Na verdade, estes são dois aspectos distintos: aparecem juntos na sala de aula e determina-se mutuamente. Este acolhimento requer do professor a utilização de conhecimento do campo da didática, para propor e apoiar seus alunos nas situações de aprendizagem relativas às áreas de conhecimentos sobre mecanismos sociológicos, culturais e psicológicos, que estão envolvidos no “desejo de saber e na decisão de aprender” para subsidiar a reflexão sobre as representações pessoais que faz dos alunos e a forma como se relaciona com eles.

Tais reflexões decorrem da pedagogia diferenciada e da perspectiva de atuação educacional contextualizada, na qual é reconhecida a importância do envolvimento pessoal do professor em relação aos seus alunos e a própria tarefa de ensinar. Com isso, reconhecem-se as condições do dia a dia e a formação pessoal do professor, suas crenças, suas indignações, suas fragilidades, seus temores e seus valores. Todos sabem que cada professor desenvolve relações de maior ou menor empatia com certos alunos e que alguns mobilizam sentimentos diferentes no professor, verdades que não podem ser negadas. Segundo Abreu (2001) a escola coloca seus alunos em contato com o que não sabem e com o desafio de aprender. Se eles não tiverem autoconfiança bem estabelecida, se não experimentarem o sucesso e a tranquilidade para “ousar” e aprender, se não puderem contar com o acolhimento do professor, a escola poderá desencadear um estresse insuportável, digno de gerar recusa.

A motivação significa para os estudantes aquilo que recebem na aprendizagem como uma causa que é possível, que eles desejam realizar.

### **AFETIVIDADE E A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO**

A organização dos tempos e dos espaços da escola reflete a concepção pedagógica adotada pelo coletivo. Ela permite situar a escola em um espaço de trabalho mais rico, flexível e democrático, abrindo novas possibilidades pedagógicas e de interação, com o envolvimento de alunos, professores e da própria comunidade (MIRANDA, 2000).

Para a referida autora, é uma das maneiras de aproveitar ao máximo as possibilidades desse espaço repleto de significados e (re)significados, isto é, uma das maneiras de “viver” a sala de aula intensamente é transformar o discurso em práticas competentes, lúdicas e sensíveis.

Além disso, é absolutamente desejável que a sua construção cotidiana, como espaço que queremos, reflita a proposta político-pedagógica da escola, abarcando as dificuldades e sucessos dos alunos e professores, seus anseios e desafios.

O Ensino Fundamental tem por objetivo proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, desenvolvendo uma educação integral que visa os aspectos sociais, intelectuais e afetivos.

Considerando a relevância da educação e afeto, Tisatto e Simadon afirmam:

*O processo de construção de um relacionamento não acontece de forma mágica. A observância de alguns princípios norteadores são fundamentais nessa construção como, por exemplo, reconhecer que todas as pessoas são merecedoras da confiança, da amizade e do respeito dos autores (2002, p.42).*

Respectivamente essa relação é estabelecida consigo mesma e com os outros, na tentativa de satisfazer as próprias necessidades, amadurecer e realizar-se.

Dantas refere-se à afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon escrevendo: “A dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (1992, p.85).

Já segundo Rossini (2001) a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal, e no complemento do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

Na concepção de Wallon (1962 apud DANTAS, 1992), a emoção constitui também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são bem conhecidos, a caracterização que apresenta a atividade emocional é complexa e paradoxal; ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza: realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo mediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais, trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela dá origem.

Cabe salientar que o trabalho em sala de aula não transcorre baseado apenas na cognição. Ocorre que, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por agressão, busca de afeto ou aceitação.

Assim, na concepção de Oliveira (2000) tem grande relevância um olhar sobre a gestão em sala de aula. Conforme ela escreveu:

*A sala de aula é um espaço em construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento. Desafiadora instigante, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos. Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e aluno é uma das questões desafiantes para nós educadores (p.61).*

A metodologia de trabalho caracteriza, um reflexo de toda uma concepção de educação e de um conjunto de objetivos (mais ou menos explícitos). Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se numa concepção de homem e de conhecimento no qual se entende o homem como um ser ativo e de relações.

A mobilização para o conhecimento na opinião de Vasconcellos (1995), é uma tarefa pedagógica, por sua especificidade, implica que num determinado espaço, um determinado grupo de sujeitos se debruce sobre um determinado objeto de conhecimento que o professor propõe e torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto do conhecimento (ação intencional).

Nessa linha de pensamento, a compreensão que se tem é que o professor deve se deixar sensibilizar pelas necessidades do aluno, bem como o aluno precisa se deixar sensibilizar pelas necessidades do professor. É preciso uma “temperatura afetiva”, uma espécie de catalisador do processo de construção do conhecimento. A criança só aprende dentro de um vínculo afetivo. O desenvolvimento é inaugurado pela afetividade e não pela inteligência; de forma análoga a metodologia dialética começa pela mobilização (VASCONCELLOS, 1995).

Os pressupostos descritos evidenciam a relevância da dimensão afetiva na construção do sujeito e na construção do conhecimento.

Na concepção de Wallon, “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivas da afetividade emocional (1962, apud DANTAS, 1992, p.65). Como se pode observar a afetividade deve ser constante nas relações professor/aluno.

Evidencia-se a presença continua da afetividade nas interações sociais, além de sua influência permanente nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus

aspectos. A afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos de conhecimento, bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Uma maneira de agir está intimamente relacionada à atuação anterior e determina, sobre maneira, o comportamento seguinte. Na verdade, é pela somatória das diversas formas de atuação, durante as atividades pedagógicas, que o professor vai qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento.

O que se diz, em que momento e por que afetam profundamente as relações professor/aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto.

Refere-se a verbalização que demonstram a influência do relacionamento na dinâmica de sala de aula. Comentários como: “a gente se sente mais a vontade para perguntar, não dá medo, dá mais segurança, tenho vontade de ficar perto da professora” demonstram a influência positiva do relacionamento com a professora, no processo ensino-aprendizagem.

Embora a escola seja um local no qual o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor/aluno, uma relação de pessoa por pessoa, o afeto está presente” (AZZI; SADALLA, 2002, p.107).

É importante destacar que a afetividade não se restringe apenas ao contato físico. Como salienta Dantas (1992), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meio para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às dificuldades e problemas, são maneiras bastantes refinadas de comunicação.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar, através de vínculo afetivo, sendo que nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim conquistando avanços significativos no âmbito. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo que vai ampliando-se, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino-aprendizagem, na pré-escola e séries iniciais.

Segundo Vasconcellos “o professor, consciente de sua afetividade, deve estar atento para não entrar, por exemplo, no esquema de ‘aguentar’ demais, ser ‘paciente’ demais: não adianta; uma hora vai estourar, às vezes em cima de alguém que nem sabe o porquê” (1995, p.89).

O autor acima citado nos lembra que, a qualidade do professor que tem se evidenciado é a simpatia pelos alunos, ou seja, a sua disponibilidade afetiva, positiva.

O afeto é um elemento central de qualquer processo de aprendizagem. Não é possível aprender sem uma dimensão de risco, de passagem do desconhecido para o conhecido, de esforço pessoal de aventura. E tudo isso necessita de um suporte afetivo, de uma rede de afetos. Porém, a função da escola não é primordialmente afetiva. Mais do que uma “comunidade”, na qual as pessoas se escolhem e a vida coletiva é baseada em afetos, a escola deve ser uma “sociedade”, isto é, um lugar no qual se aprendem as regras da vida em comum, no qual se trabalha com objetivos bem definidos, em que se procura que cada um vá o mais longe possível no seu desenvolvimento (NÓVOA, 2003).

Sendo assim, a escola tem a função expressa de ensinar conhecimentos e habilidades que os alunos necessitarão para que possam agir razoavelmente e de modo autossuficiente como adultos na sociedade. A escola é um grande órgão socializado, sendo de extrema importância o papel do professor e dos colegas.

No processo ensino-aprendizagem o papel do professor é importantíssimo, ele é o mediador entre a escola e o meio no qual ela se

encontra inserida a partir da prática permanente de algo fundamental para a instauração de uma educação emancipatória e democrática: o diálogo

Entende-se que oportunizar aos alunos momentos de relatos de sua vida, alegres ou tristes, são momentos ganhos em relação a aprendizagem.

Segundo Rebelatto (2001) a emoção se constitui, também, conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são também conhecidos. Wallon nos diz: “A educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento” (1962, apud DANTAS, 1992, p.71).

Com a educação emocional criamos um vínculo afetivo muito grande: é quando acontece um comprometimento mútuo entre professor e aluno, respeitando a individualidade de cada um deles, enquanto pessoa.

As emoções fazem parte do cotidiano das nossas escolas. A todo instante vivenciamos uma experiência emocional que se manifesta de diversas maneiras, com suas características próprias. Um exemplo é bem claro: alguns choram de dor ou tristeza, outros de alegria.

Nóvoa, um renomado educador português, em abordagem sobre a formação integral, apresenta o seguinte pensamento: “Ninguém duvida da importância de formar a pessoa na sua incerteza. As recentes descobertas das neurociências reconfortam-nos na impossibilidade de separar a consciência, as emoções e o sentimento. Pensamos com o corpo e sentimos com a inteligência” (2003, p.63).

Analisando os diferentes enfoques sobre afetividade e a relação professor/aluno pode-se afirmar que o professor é responsável por criar um ambiente alegre que facilite a espontaneidade, a comunicação dialógica com experiências diversificadas e enriquecedoras para que as crianças possam fortalecer sua autoestima e desenvolver sua capacidade.

O papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidade, de descobertas, através de uma espécie de facilitação aberta e inspirada, de

estimulação do diálogo de ação conjunta e da co-construção do conhecimento pelo discente. Uma vez que a descoberta intelectual é, supostamente, um processo essencialmente social, o professor auxilia o mesmo quando as crianças menores aprendem a ouvir os outros, a levar em consideração seus objetivos e ideias e a se comunicar com sucesso (EDWARDS, 1999).

É importante salientar que o professor não precisa e não deve ser um ditador de ordens, porém limites e controles da classe é de suma importância. Como refere Bassedas: *Quando a interação educativa ocorre dentro de uma estrutura flexível e, por sua vez, segura, não há dúvida de que o trabalho do professor reduz-se consideravelmente. Em outras palavras: ainda que, no começo seja bastante custoso estabelecer normas de funcionamento, certas pautas para todos se organizarem, logo que isso seja assumido, a professora libera-se de uma parte considerável de seu trabalho, ao mesmo tempo que permite os pequenos ganharem uma autonomia de ação* (1999, p.133).

É relevante evidenciar, que isso tem uma importância própria, uma vez que a interação educativa inclui a função de gestão e controle da aula, absolutamente necessário para alcançar as metas que dão sentido ao trabalho do ensino. A diversidade dos alunos, o seu autocontrole incipiente, a diversidade de propostas que precisam ser adaptadas às suas características e necessidades próprias e outros fatores podem dar aos professores a impressão de atordoamento, de uma tarefa que transborda pelas circunstâncias, ou seja, sentirem-se a ponto de perder o controle.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste artigo permitiu repensar o ensino de Língua Portuguesa sob a ótica e a influência da afetividade no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar e na realidade do aluno. Para tanto, a presente pesquisa, procurou investigar na motivação, qual gênero textual mais se adequava ao interesse dos envolvidos no estudo. Observou-se em sala de aula, durante as práticas pedagógicas que, ao se contar oralmente histórias narrativas de cunho fantástico houve um despertar nos alunos por parte desse tipo de narrativas, fazendo-os a desenvolverem desejo de estudar sobre o

gênero e conseqüentemente a produzirem textos referentes a essa linha de estudo.

Essa prática, automaticamente fez com que os envolvidos na pesquisa, partissem para análise crítica e reflexiva dos aspectos culturais de seus antepassados, pois, ao pesquisarem e ouvirem histórias fantásticas os fizeram a desenvolver curiosidade e habilidade para leitura e produção escrita.

Desta feita, observamos a necessidade de aliar a oralidade com a dimensão afetiva no processo de motivação para a leitura e escrita. Além disso, mostramos a importância da relação professor/aluno nesse dinâmico processo de ensino aprendizagem dentro da sala de aula. A práxis pedagógica também implica no olhar atento do professor no sentido de conhecer sua turma para desenvolver atividades que influencia a turma a pensar e refletir.

Pensando assim, o educador sempre deve utilizar estratégias aliadas à afetividade e motivação que provoquem o desenvolvimento intelectual e autonomia dos alunos.

O professor requer uma série de estratégias organizativas e metodológicas em sala de aula. Estratégias capazes de guiar sua intervenção pedagógica de modo que facilite o desenvolvimento do espírito crítico, da comunicação. De modo que, os conteúdos desenvolvidos propiciem aos alunos construir seus conhecimentos, em interação com os demais membros da sala de aula, da sua própria realidade.

Conclui-se que a prática pedagógica deve realizar-se numa situação dialógica entre professor/aluno. A interferência do professor deve caracterizar-se pela sensibilidade, preparo técnico-científica, motivação, diálogo e ludicidade. As práticas pedagógicas devem permitir que o discente desenvolva amplamente o seu potencial criador, a sociabilidade, a afetividade, a imaginação e a espontaneidade.

Em síntese, acredita-se que a relação professor/aluno se dá através da afetividade e é de suma importância no processo educativo. As práticas pedagógicas devem ser planejadas, refletidas, motivadas, tendo em vista o

perfil do nosso aluno de hoje. Lembrando que um professor afetivo age com a emoção e ensina com a razão.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa. **Acolhimento: uma condição par aprendizagem**. Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed. Ano IV. n.15. nov.2000/jan., 2001.

AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. **A psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE (orgs.). **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DANTAS, Heloysa; LA TAILLE, Ynes; OLIVEIRA, Marta Kohl de. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDEZ, A. A. **Inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CÂMARA, José Aurélio da. **A produção textual no ensino fundamental: Processo de Retextualização com o gênero memórias**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior de Seridó. Departamento de Letras do Ceres. Programa de pós-graduação. Mestrado profissional em Letras. Currais Novos / RN. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MIRANDA, Glaura Vasques de. **Um olhar sobre a organização do espaço e do tempo.**

In: \_\_\_\_\_. **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola.** Brasília: **Ministério da Educação.** SEED, 2000.

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes. **Um olhar sobre a gestão em sala de aula.**

In: \_\_\_\_\_. **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola.** Brasília: **Ministério da Educação.** SEED, 2000.